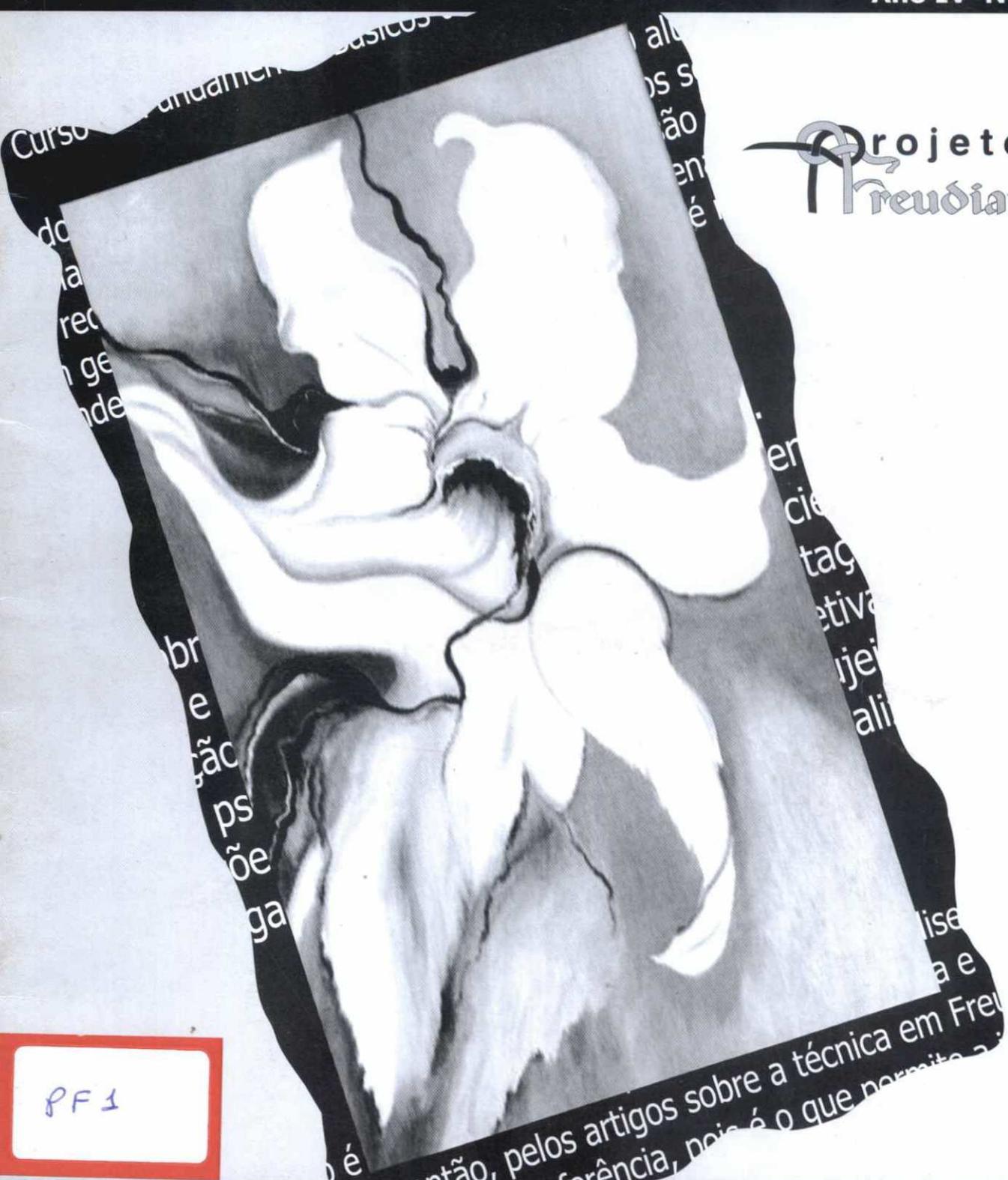


PERIÓDICO

junho a dezembro/2002

Ano IV Nº 07

Projeto
Freudiano



PF 1

Projeto Freudiano

~~~~~  
Título  
O Anjo e a Flor

Autora  
Lau  
~~~~~

Artista plástica, nascida em Própria -SE, iniciou carreira artística em 1992, abrindo uma Galeria de Arte, em parceria com a artista plástica Ailezz, funcionando na avenida Beira Mar, 949 em Aracaju,

Fez oficinas de Artes no Parque Lage, RJ, e em Salvador e Aracaju com artistas plásticos locais, participou de exposições individuais e coletivas e de mostras de decorações.

Com estilo próprio de pintar, Lau mescla suas telas, painéis esculturais e murais com diversas técnicas, utilizando matérias como madeira, papel, metais óleo, acrílico, concreto etc.

Para Lau, pintar é uma forma de materializar um mundo transparente seja ele real ou imaginário.

Conselho Editorial

Marcia Polido
Alba Abreu

Revisão

Marcia Polido

Projeto gráfico

Alexandre de Almeida Andrade

Fotolito e Impressão

Gráfica J. Andrade

Tiragem

2.000 exemplares

Colaboraram neste número

Iêda Alves de Souza
Katarina Aragão
Thais Nunes

Os textos dos membros e associados podem ser entregues no **Banco de Textos** do Projeto Freudiano e deverão ter 2 laudas, espaço 2, fonte Arial, tamanho 12, papel A4, com revisão gramatical, para serem selecionados pelo conselho editorial.

32.805.426 / 0001 - 09
PROJETO FREUDIANO - PSICANÁLISE E ENSINO
Av. Aníto Azevedo, 675 - Edif. Luiz Cunha
Sala 507 - B. 13 de Julho - CEP 49020-240
Aracaju - SE.

32.805.426 / 0001 - 09
PROJETO FREUDIANO - PSICANÁLISE E ENSINO
Av. Aníto Azevedo, 675 - Edif. Luiz Cunha
Sala 507 - B. 13 de Julho - CEP 49020-240
Aracaju - SE.

1. APRESENTAÇÃO

- 1.1 A História do Projeto Freudiano.....

2. ESTUDO: A CRIANÇA E A PSICANÁLISE

- 2.1 Entrevista em psicanálise com crianças

Heloisa Prudente (membro da EPCL)*

- 2.2 A criança e o fracasso escolar

Roseli Rodella de Oliveira (membro da EPCL)

- 2.3 Luto pela Criança

Daniela Ribeiro Sobral

3. A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

- 3.1 Como alguém se torna analista?

Tereza Cristina Rollemberg (membro da EPCL)

- 3.2 A prática da supervisão

Alba Abreu Lima (analista membro da EPCL)

4. PSICANÁLISE E CULTURA

- 4.1 Viagem pelas noções de psicanálise através de texto literário

Elza Ferreira Santos (associada do Projeto Freudiano)

- 4.2 Vitória sobre si.....

Ione Paes Silva (associada do Projeto Freudiano)

5. PONTO DE VISTA

- 5.1 O que é isto, a Psicanálise?

Marcia Polido (membro da EPCL)

6. ENTREVISTA: ANTONIO QUINET (analista membro da EPCL)

7. INFORMES SOBRE O CURSO DE FUNDAMENTOS BÁSICOS

DA PSICANÁLISE

Apresentação

Apresentação

A História do PROJETO FREUDIANO - Comissão Editorial

Embora de forma breve, nossa intenção é localizar, através de datas e fatos, a história do **Projeto Freudiano**, que se confunde com a história da psicanálise em Sergipe.

Em 1986, quatro pessoas iniciaram, sob a coordenação de Alba Abreu Lima, estudos em torno dos textos de Freud e Lacan. Em 1987, a necessidade do grupo começa a ultrapassar os limites da informação para dar lugar ao desejo da formação em psicanálise propriamente dita. Abre-se, então, a discussão sobre a possibilidade de se criar uma instituição onde as atividades pudessem se dar de forma sistemática e que sua produção fosse levada à comunidade.

Mais de um ano de debates e, finalmente, em 10 de outubro de 1988, oito pessoas, entre elas, Roseli Rodella, concretizaram o **Projeto Freudiano**, que tem como objeto a psicanálise, sob os ensinamentos de Freud e Lacan. Seu nome foi inspirado a partir do livro de Freud, *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, e sua fundação foi marcada pelo encontro de trabalho com a Clínica Freudiana de Salvador, na conferência: "O Édipo uma releitura". À época, os temas dos seus estudos e trabalhos eram norteados pelos encontros do Campo Freudiano.

Desde a fundação, o **Projeto** vem realizando diversos eventos como cursos, seminários, encontros, reuniões clínicas, apresentação de pacientes psicóticos e jornadas, sempre dedicados à discussão da prática clínica e a produ-

ção individual de membros e associados. A discussão sobre a formação do analista e a instituição necessária reforçou seus alicerces e permeou o ano de 1998, culminando com o início do Curso de Fundamentos Básicos em Psicanálise que consideramos a porta de entrada da formação do psicanalista.

Até julho de 1998, estivemos vinculados, internacionalmente, ao Campo Freudiano, dele nos retirando por não mais encontrar a correspondência entre o que acreditamos ser a instituição regida sob a ética da psicanálise, onde se dá a formação de um analista, e os acontecimentos no interior daquela instituição, que visavam muito mais a orientação em torno de um só mestre, inviabilizando o convívio das diferenças.

Atualmente, o **Projeto Freudiano**, em âmbito nacional e internacional, está vinculado à Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, onde seus membros garantem uma formação que nos possibilita manter nossa singularidade tanto pessoal quanto institucional, condição essencial para que possamos dar continuidade ao nosso trabalho de ensino, pesquisa e avanço da psicanálise.

Isto quer dizer que, desde sua fundação, o **Projeto** mantém as raízes presas a instituições nacionais e internacionais, pois, desde lá, tem o reconhecimento pelo trabalho que desenvolve em Sergipe e pela participação ativa de seus membros em encontros nacionais e internacionais, através da apresentação e publicação

de suas produções teóricas e práticas.

Retornando à história, em julho de 1989, alguns membros se afastaram da orientação do Campo Freudiano e formaram o Círculo Psicanalítico de Sergipe, sob a coordenação de Deborah Pimentel. Quase dez anos depois, em novembro de 1998, o Centro de Estudos Psicanalíticos de Aracaju, ligado a IPA, se organizou, tendo como presidente Adalberto Goulart. As três instituições, embora tenham o objetivo comum de acolher o desejo dos que pretendem uma formação psicanalítica, possuem concepções e princípios éticos diferentes quanto

à formação do analista, o que implica, evidentemente, em diferenças teóricas e práticas.

O tema sobre a formação do analista desperta grande interesse por ser muito peculiar e fugir às normas acadêmicas, embora guarde princípios éticos rígidos. Na verdade, é uma discussão que se mantém acesa no interior do **Projeto** e sempre levada aos debates que promove. Assim, mais uma vez, a aula inaugural da VI turma do Curso de Fundamentos Básicos em Psicanálise versará sobre a formação do analista e será um momento aberto aos interessados pelo tema.

Estudo: A Criança e a Psicanálise

Estudo: A Criança e a Psicanálise

ENTREVISTA EM PSICANÁLISE COM CRIANÇAS - Heloisa Prudente

Sabemos que só existe uma psicanálise: a do sujeito. Isso quer dizer que a direção do tratamento realizado com crianças não difere do tratamento com adulto, pois o que desejamos, no final, é que o sujeito saiba sobre suas escolhas, seu modo de ver e responder ao mundo.

A afirmação de que o tratamento não difere entre crianças e adultos não significa dizer que o manejo não seja particular, até porque ele mostra sua singularidade, caso a caso. Com a criança, especificamente, há os jogos, as histórias, os

desenhos, o brincar que são diferentes modalidades da associação livre.

As entrevistas com crianças têm, então, suas particularidades e é sobre elas que passo a comentar.

Sabemos que as entrevistas preliminares, de uma maneira geral, são o tempo necessário para que a transferência instale-se, pois só a partir dela é que uma análise efetivamente começa. Com a criança, não é diferente. Na análise, vamos trabalhar com o sujeito do inconsciente e

esse não tem idade. Assim, os fatos que ocorrem durante a vida serão guardados no inconsciente atemporalmente.

Contudo, temos uma diferença significativa entre a análise de um adulto e a análise de uma criança: um adulto, bem ou mal, busca a análise; uma criança é levada à análise, a demanda inicial vem dos pais. Na maioria das vezes, a criança que não sabe o que está fazendo ali, o que esperam dela ou para que serve estar conosco, apenas provoca, com seu sintoma, a queixa dos pais.

Dois pontos tornam-se assim fundamentais logo de início: a demanda e a transferência. Se quem nos faz o pedido em nome da criança são os pais, a transferência é primeiramente deles. Isso aponta para a importância das entrevistas preliminares, não só com a criança mas também com os pais.

Entretanto, de que demanda e de que transferência se trata no que diz respeito aos pais?

Quanto à demanda, a princípio, não é aquela que nos chega junto ao atendimento de um adulto na clínica, apesar de também se pautar no sofrimento que faz o sujeito dirigir-se ao analista como alguém que sabe sobre ele aquilo que ele próprio acredita não saber. A diferença é que quem porta os significantes do sujeito são os pais e não o sujeito. A demanda que revela o desejo, o sujeito, quer adulto ou criança, terá que formulá-la em uma questão para entrar em análise.

Quanto à transferência dos pais, sabemos que ela existe. Há uma suposição de saber no analista por que, senão, eles não trariam o filho à análise. Pode ser uma transferência, num primeiro momento, com a psicanálise - um amigo já o fez e deu certo, com o próprio nome do analista, a escola que indicou como uma saída possível, entre tantas outras. O que eles querem é compre-

ender o que está ocorrendo com seus filhos porque eles, os pais, sofrem, às vezes, mais do que o filho.

Diante de um pedido de análise para uma criança, a quem devemos atender? Aos pais? À criança? A todos juntos? Quando ver? O único dado inicial que temos é que alguém, um adulto, está pedindo ajuda para seu filho. Se este pedido transformar-se-á numa entrada em análise do adulto ou da criança, ainda não sabemos. A resposta a essa questão é uma das especificidades das entrevistas preliminares porque, além do percurso, deve-se também distinguir para quem realmente o pedido é feito.

Zélia Villar¹ nos diz que, se de início trata-se da demanda dos pais, o analista deve perguntar-se sobre a demanda da criança e o que seu sintoma representa na estrutura familiar.

Na formação do sintoma de uma criança, há sempre a participação dos pais - do que eles não sabem deles mesmos. Mas, do lado da criança, há o modo como subjetiva o que lhe foi traumático e o investimento que faz no sintoma, protegendo-o porque nele encontra um modo de satisfazer seus desejos.

Assim, o analista, ao interrogar-se sobre o sintoma da criança e sobre o que ela representa na estrutura familiar, quer distinguir, na clínica, a criança - sintoma do sintoma da criança, que é uma tarefa delicada, necessitando de manejos diferenciados.

O sintoma da criança é feito quando, de alguma maneira, denuncia a verdade do par parental. Os pais têm dificuldades, vivem histórias familiares diferentes e isso os faz defrontar-se com angústias que não sabem nomear. Os filhos podem assumir o papel de escoadouro dessas questões e angústias e, por não saberem explicar, fazem sintoma. A função do analista consiste em ajudar a criança a construir sintomas a partir de suas próprias questões e livrar-se do lugar de ver-

dade do par parental.

Isso posto, fica mais compreensível a dificuldade que, muitas vezes, os pais têm em deixar um filho na análise, pois, a partir das mudanças do filho, terão que se haver com os seus próprios conflitos. Como analistas, temos que ajudar os pais a suportarem as mudanças do filho e apontar o que se insinua de questões próprias, não para serem resolvidas na análise do seu filho, mas para que se delineiem demandas próprias, a fim de posterior encaminhamento.

Dissemos anteriormente que a criança não procura o analista, pois quem o faz são os pais. Se o aval dos pais é necessário para que aceitemos uma criança em análise, “é condição sine qua non a escolha da própria criança. Ninguém faz demanda de análise por outro. A criança terá de fazer seu próprio percurso para a entrada em análise”².

Concluindo, percebemos que trabalhar com crianças não é fácil porque nos defrontamos mais com fracassos do que com êxitos, pois:

1 - a criança não pode pagar pelo tratamento;

2 - a criança é um ser em evolução e nem sempre é possível participar dessa evolução;

3 - a constituição pulsional da criança, por si só, é rebelde, não aceitando regras.

Referências Bibliográficas

1 - Zélia VILLAR. A “intervenção” com os pais na análise de criança. in Fort-Da n° 4/5. p. 113.

2 - Alba Gomes de PAIVA, Anamaria LAMBERT, Paula Deborah KLEVE. Observações sobre a transferência na análise com crianças. in Fort-Da n° 1. p. 35.

Bibliografia

GALVÃO, Maria Sílvia Elia. O sintoma dos pais e a análise da criança. in Fort-Da n° 2. 1992, p. 31 36.

Lamy, Maria Inês. Resistência e desejo do analista: quem trabalha na psicanálise com crianças. in Fort-Da n° 4/5. 1998, p. 127 133.

MACIEL, Maria Regina. A análise da criança e a família. in Fort-Da n° 3. 1995, p. 49 54.

NOMINÉ, Bernard. O que me ensinaram as xcrianças e seus psicanalistas. in Revista Carrocel A criança sintoma, n° 1. 1997, p. 13 23.

PAIVA, Alba Gomes de; LAMBERT Anamaria; KLEVE Paula Deborah. Observações sobre a transferência na análise com crianças. in Fort-Da n° 1. 1995, p. 33 36.

VILLAR Zélia. A “intervenção” com os pais na análise de criança. in Fort-Da n° 4/5. 1998, p. 113 120.

VINCENT, Monique. Entrevistas preliminares, um caso clínico. in Fort-Da n° 1. 1995, p. 37 41.

A CRIANÇA E O FRACASSO ESCOLAR - Roseli Rodella de Oliveira

Diante de uma criança que apresenta um fracasso em aprender, os pais ou educadores geralmente questionam suas capacidades intelectuais. Hoje, esse é um problema que aflige os pais porque, em nossa cultura, o fracasso escolar está ligado diretamente à possibilidade de fracassar na vida. Entretanto, sabemos que isso nem sempre acontece.

Atualmente, a crença em um QI constante já é mais combatida e não mais aceita, principalmente, pelos profissionais que levam em conta a subjetividade do ser humano. Ela é uma falsa idéia e, como exemplo, podemos lembrar de algu-

mas crianças em nossos consultórios com diversos problemas escolares e que, após o tratamento, têm seus resultados escolares melhorados.

As causas do fracasso escolar são múltiplas e não pretendo desenvolvê-las todas nesse texto. No que concerne à Psicanálise, a causa está ligada à própria estrutura do sujeito e a designamos como uma parada no investimento intelectual. Optamos por comentar aqui a inibição provocada por um conflito inconsciente. Assim, por exemplo, podemos nos deparar com um rapaz brilhante que ensina a todos os colegas no cursinho pré-vestibular e que não consegue

ser aprovado na Universidade devido ao “branco” que experimenta diante de uma prova.

Algumas crianças, quando estão iniciando o aprendizado da leitura e da escrita, apresentam dificuldades em aprender. Queixam-se, para nós, os pais: “mas são tão expertos para outras coisas; no videogame, ninguém os supera”. A amplitude dessa inibição varia de uma criança a outra e mesmo entre os irmãos podemos encontrar um brilhante, sem ter problema escolar algum, e outro encarnando a própria figura do fracasso escolar. O que ocorre, na verdade, é uma recusa inconsciente de aprender, que está ligada diretamente à história individual de cada criança. Portanto, não há como estabelecer leis iguais para explicar o fenômeno das dificuldades em aprender. Na adolescência, quando os jovens estão deparando-se com os conflitos inconscientes, próprios desta fase, aparecem também os problemas com a aprendizagem.

Exemplifico, ainda, alguns interditos de saber que podem ter relação direta com o fracasso escolar:

- alguns segredos de família que não podem ser ditos à criança podem inibir a curiosidade intelectual;
- quando a criança que está na idade de 3 ou 4 anos e que tudo nos pergunta, recebe do lado familiar uma proibição de não poder dar vazão à sua curiosidade;

- adolescente identificado a um membro familiar, por exemplo, ao pai que estudou até o primário, poderá ver-se impossibilitado (inconscientemente) de superá-lo, justamente nesta área.

Para concluir, nem sempre as medidas pedagógicas atingem o sucesso de resolução do fracasso por não considerarem a subjetividade implicada. Providências como colocar a criança num reforço escolar ou puni-la levam, muitas vezes, ao aumento de sua angústia diante de mais uma possibilidade de fracasso.

Nesse sentido, o fracasso escolar deve ser visto caso a caso, possibilitando a escuta da criança e do desejo inconsciente que está implicado no fracasso escolar. Essa é a ética da Psicanálise que aposta na superação, pela criança, do “fracasso” em uma etapa de vida tão decisiva.

Bibliografia

- CORDIÉ, A. Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREUD, S.- ESB, obras completas, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1987.
- MERECH, L. Psicanálise e educação: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999.
- SOUZA, A. S. L. Pensando a inibição intelectual: perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

LUTO PELA CRIANÇA - Daniela Ribeiro Sobral

A palavra luto vem do alemão "trauer" e pode significar tanto afeto da dor quanto sua manifestação extrema. O luto, definido por Freud em Luto e Melancolia, "é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante".

A reflexão sobre o luto levou-nos à questão da morte. No texto *O Mal-estar da Civilização*, Freud destacou as principais fontes do sofrimento humano: a fragilidade do corpo, as exigências do mundo externo e o relacionamento com outros seres humanos.

Uma criança tem existência antes mesmo de nascer, constituindo-se o desejo do par paren-

tal, simbolizado pela linguagem. Os nomes, por exemplo, atribuídos às crianças por seus pais, têm o objetivo de homenagear alguma coisa, alguém ou, ainda, de exprimir suas esperanças em relação ao futuro daquele ser. Desta feita, as crianças nascem com uma missão impossível: a de realizar os desejos paternos.

O que acontece, então, quando uma criança morre? Pensamos que essa criança leva consigo um pouco da história dos seus pais, abrindo a ferida narcísica, pois os pais não perdem apenas um ser amado com o qual tiveram um passado em comum, mas, e, sobretudo, o que potencialmente o filho poderia ter-lhes proporcionado. Não são, portanto, as recordações dos acontecimentos do passado que orientam um luto, porém o que a morte aponta de definitivamente não realizável.

O desaparecimento do filho revela, brutalmente, uma identificação narcísica, dizia Freud, não apenas pela perda de alguém amado, mas de um pedacinho de si próprio. Assim, fica explicada a necessidade de realização de rituais específicos para simbolizar a dor na maioria dos grupos sociais. O que são as lápides, senão a perpetuação, a marca daquele que viveu e se foi? E os rituais fúnebres, muitas vezes registrados por fotos ou pinturas? O trabalho de luto visa a colocar um novo objeto no lugar do desaparecido. Será que isso é possível em se tratando de crianças? Não sabemos, já que os pais choram não apenas a morte de um filho, como também a própria morte. Não nos referimos à morte física, porém à morte de parte de seus sonhos projetados e fracassados antes mesmo da realização. O desamparo dos pais mostra uma profunda identificação com os rebentos, a qual nos levou a refletir a seguinte frase de Laurent Cornaz: "se concluir um luto é sair da infância, então ser adulto é constatar este não-evento: não se sai da infância".

Portanto, parece que o grande desafio humano é viver constantemente preparando o psiquismo para as perdas inerentes ao próprio processo de vida. No entanto, diante das perdas, repetições da castração originária, pois o objeto é sempre perdido, o sujeito só tem duas vias: a elaboração do luto em "causa" para sua vida - fazer do luto sua bandeira, para arrematar a piedade do mundo. Ao sermos amparados por nossos pais, nosso psiquismo inaugura-se; entretanto, para sobrevivermos, precisamos sers independentes destes, ter uma existência separada, uma experiência livre da fusão inicial. Essa dualidade estrutural do nascimento até a morte estabelece-se em nossa relação com o mundo.

O luto é a reedição da situação inscrita no inconsciente de que a mudança, a perda de uma situação anterior, vai gerar fragmentação, aniquilamento e dor pela ansiedade do EU por ficar, de repente, sem nenhum objeto do investimento da libido.

A dor em si não tem nenhum valor nem significado e, para acalmá-la, temos que transformá-la em símbolo. Atribuir um valor simbólico a uma dor que é em si puro real é, enfim, o único gesto terapêutico que pode torná-la suportável. Com isso, podemos dizer que dar sentido a uma dor é constituir para ela um lugar no seio da transferência onde ela poderá ser falada e pranteada com lágrimas e, principalmente, com palavras - símbolos da falta.

A imagem do ser perdido não se apaga, pelo contrário, domina até o momento em que, graças ao trabalho de luto, a pessoa enlutada consegue fazer com que coexistam o amor saudoso pelo desaparecido e um mesmo amor, por uma nova eleição. Quando essa coexistência torna-se possível, podemos estar seguros de que houve elaboração do luto.

A Formação do Psicanalista

COMO ALGUÉM SE TORNA ANALISTA? - Tereza Cristina Rollemberg

A partir de 1910, Freud já apresentava uma preocupação constante: como garantir a permanência da Psicanálise no mundo. Ele desejava que este novo modo de saber fosse estendido para além de sua pessoa e após a sua morte. Em muitos momentos, verifica a necessidade da análise pessoal de seus adeptos, até mesmo para que esses pudessem, através da própria experiência, dar provas da teoria tão arduamente construída. Muito embora se tenha debatido sobre o aspecto da psicanálise como ciência, constantemente, insistia sobre um ponto: a psicanálise é práxis e, como tal, deve ser levada à demonstração em seu valor científico na clínica.

No texto "As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica", ele coloca: "notamos que nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em conseqüência, requeremos que deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre os seus pacientes. Qualquer um que falhe em produzir resultados numa auto-análise desse tipo deve desistir, imediatamente, de qualquer idéia de tornar-se capaz de tratar pacientes pela análise".

Quais as exigências básicas para se formar um analista?

A análise pessoal não é condição suficiente, mas deve ser complementada pelas supervisões, pelo estudo e pela transmissão da

psicanálise em um campo institucional.

A imposição institucionalizada desses requisitos, porém, quando é colocada como exigência para uma formação acadêmica, parece mais com um modelo universitário, ou seja, cumprir determinado tempo cronológico de análise, supervisão e estudo. Seria alimentar uma crença enganosa de que se tornaria possível estabelecer uma norma ao desejo de um sujeito. Para Lacan, em sua releitura de Freud, a formação do psicanalista faz-se de uma forma contrária à de uma universidade. A Escola de Lacan toma como referência as Escolas da Antiguidade que se constituíram na Grécia Antiga em volta de um Mestre que, sem demonstrar saber, em nome de uma transferência, reunia em torno dele sujeitos que eram atraídos por esse saber. Na Escola, instituição de convivência entre os analistas e espaço de interlocução e formação, Lacan considera que todos estão na instituição na mesma posição: todos aprendizes/analistas.

Na formação do psicanalista, o que se almeja não é obter um diploma, um título que autorize psicanalisar, mas na Escola de Psicanálise são acolhidos todos aqueles que advenham de seu percurso singular dentro de uma ética que é a ética do inconsciente, podendo verificar seu desejo de analista e apresentá-lo na Escola.

Nas universidades, o que predomina é o discurso do mestre em que um, que sabe, dá a aula e os outros aprendem com a experiência do

mestre. Já no discurso do analista, o que se verifica é discurso do inconsciente, discurso este que é particular de cada sujeito e que ele é conduzido a decifrar.

Em seu texto da "Proposição de 9 de outubro de 1967", Lacan o inicia assim: "Trata-se de fundar num estatuto bastante duradouro, para ser submetido à experiência, as garantias que a nossa Escola poderá dar para autorizar um analista formado por ela e desde então se responsabilizar pela sua formação. Ela pode e, portanto, deve porque ela não é só Escola no sentido de fornecer um ensino, também instaurar entre os seus membros uma comunidade de experiência cujo núcleo é fornecido pela experiência dos praticantes".

Concluindo, uma formação psicanalítica é a resultante de um intenso e longo trabalho numa análise pessoal, com a elaboração de uma prática teórica e clínica a partir do que oferecemos no Projeto Freudiano - Instituição de

Ensino e Pesquisa da Psicanálise e na Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, responsável pela garantia do analista. Ou seja, a formação implica esses dois lugares: a Escola, onde estão os dispositivos para oferecer a garantia ao analista, e o Projeto Freudiano, funcionando como uma porta aberta a quem quer dar início à formação de psicanalista, podendo também acolher aqueles que se interessem pelo estudo da psicanálise.

Bibliografia

- Freud, Sigmund - 1910, "As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica".
Obras completas de Sigmund Freud, - Imago editora.
Abreu Lima, Alba - 2001, seminário "A ética e a técnica da psicanálise"
Curso de Fundamentos Básicos da Psicanálise do Projeto Freudiano.
Lacan, Jacques - 1967- Proposição de 9 de outubro de 1967, primeira versão.
Soler, Colette 1998 a psicanálise na civilização, Contra Capa Livraria.

A PRÁTICA DA SUPERVISÃO - Alba Abreu Lima

Podemos conceber o conceito de supervisão em psicanálise como uma situação onde um analista partilha, com um colega reconhecido, a elaboração de sua experiência prática, seja no comentário do funcionamento clínico, seja em suas inabilidades ou no panorama lógico dos tratamentos. O objetivo é o de deixar a solidão de uma posição que pode ser repleta de encantamentos ou armadilhas narcísicas, realizada entre quatro paredes, para encontrar um interlocutor no exterior, que permita ressoar dúvidas e verificar quais conseqüências ou direções aponta o ato psicanalítico em cada tratamento.

A supervisão se impõe como necessária a partir da prática, como se pode ler nas cartas de Freud a seus discípulos, que compartilhavam o entusiasmo de suas descobertas ou nos encontros das quartas-feiras, onde eram

relatados casos da prática cotidiana, um lugar da transmissão de experiências. Entretanto, antes mesmo de Max Graf, foi Jung quem "inventou" o pedido de uma supervisão, ao menos sob a modalidade de consulta, quando pede a opinião de Freud, em sua carta de 23 de outubro de 1906: "Trato uma histeria segundo seu método. Caso grave, uma estudante russa, doente faz seis anos (...). Eu lhe seria extremamente reconhecido se o senhor me comunicasse, em algumas palavras, sua opinião sobre esta história".

A supervisão foi sistematizada em 1925 pela IPA, para designar a análise que o supervisor faz da contratransferência e tornada obrigatória por Max Eitingon, juntamente com a análise didática. Porém, o termo supervisão já havia sido cunhado por Freud, em 1919, em seu texto 'Sobre o ensino da psicanálise nas

universidades'. Ao considerar a questão da conveniência do ensino da psicanálise nas universidades e declara: "No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode consegui-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos".

A Escola, diferentemente da IPA que uniformiza o enquadre da supervisão, foi fundada sobre a idéia central de que o analista só se autoriza de si mesmo, implicando a suspensão de qualquer procedimento regulamentar ao exercício da psicanálise. O que não significa dizer que o analista possa abdicar de prestar contas de seu ato. Lacan, no *Ato de Fundação de 1964*, concebeu a supervisão como lugar de controle da experiência: "Desde o começo e em todos os casos, será assegurado um controle qualificado ao praticante em formação na nossa Escola". Em sua *Proposição de 9 de Outubro*, inverte os princípios até então propostos como norteadores para a formação do analista não determinando nenhuma regra técnica para ser imposta aos membros da Escola, que teriam o direito de escolher livremente um didata e um supervisor.

A supervisão expõe os efeitos da prática e possibilita reconhecer o ato, o da autorização do analista. Ela pode funcionar também como uma compensação de sua posição no discurso analítico, pois na supervisão, o supervisando pode se dividir, compreender os limites de seu ato. O praticante tem, na supervisão, uma posição equivalente a da análise, por estar sempre falando de suas dificuldades, mas também de passante, no sentido de demonstrar a capacidade de suportar o ato analítico.

Do lado do supervisor, existem exigências impostas no acolhimento dos mais variados tipos de pedidos. Mannoni, em '*Risco e possibilidade da supervisão*', relembra algo fundamental, que Freud introduz o termo "Ausbildung", treinamento, em lugar de formação. Com isso, estabelece uma concepção mais próxima da idéia de uma interrogação, de

uma crítica em relação ao trabalho realizado com um paciente, do que propriamente a noção de um modelo a ser seguido. Colette Soler, por sua vez, oferece indicações precisas no texto "*Que supervisão?*", onde afirma que em todas as demandas, estaria em questão o ato enquanto causa da cura, devendo o supervisor ser alguém que possa responder do lugar que lhe é imputado: o do saber do analista. Considera ainda que o supervisor tem a opção, por suas intervenções, de eleger o discurso de resposta: colocar a doutrina em posição de ordenar o saber ou professar o saber sobre o caso, porém seriam respostas sintônicas ao pedido. De preferência, restaria encarnar a provocação histórica para uma elaboração de saber, pois, desse modo, implicaria numa torção do pedido formulado. A questão colocada seria então saber, como uma supervisão poderia inscrever-se no discurso analítico (a → \$).

De minha parte, pergunto-me porque a supervisão, na maioria das vezes, é tomada como uma autorização da prática analítica. Acredito que, quando não se distingue a psicanálise da psicoterapia, assinalando o dever ético da renúncia ao poder sugestivo e ao acúmulo de conhecimentos técnicos, só resta a posição de mestre. Penso que supervisionar é mesmo uma prática impossível, pois trata-se de enfrentar o real que surge ao elaborar a lógica de cada tratamento, como se cada novo caso trouxesse uma nova dimensão do não dito, dos embaraços com a fantasia e com o sintoma.

Enfim, peço emprestado de Fernando Pessoa uma reflexão sobre o percurso de uma prática, no *Livro do Desassossego*: "a velha regra - pensar antes de agir - sofre alterações na realidade. A prática obriga freqüentemente a agir sem ter tempo para pensar. Por isso, uma das qualidades que mais convém que o homem prático desenvolva é a de saber pensar à medida que age, a de ir construindo num caminho a própria direção do caminho. Isso tem a desvantagem de ser absurdo, e a vantagem de ser verdadeiro".

A Psicanálise e a Cultura

A Psicanálise e a Cultura

VIAGEM PELAS NOÇÕES DE PSICANÁLISE ATRAVÉS DE TEXTO LITERÁRIO

Elza Ferreira Santos

Conto: Miss Brasil Autor: Viana, Antonio Carlos. O Meio do Mundo e Outros Contos. Companhia das Letras, São Paulo, 1999:

Ninguém é feliz na casa paterna, muito menos Lila com suas pernas grossas. Lila, a que ia ser miss(...) satisfazer suas vontades(...) a mais saliente(...) porque a mãe morreu, bum, um ataque do coração quando soube que ela não era mais moça. Ficou no seu lugar, cuidando do porco do pai(...) Que gozou a vida gozou, ora se não!(...) Lila e mil amores(...) abortos(...) Papai, papai, o senhor vai pagar nos infernos a coroa que roubou da minha cabeça.

A sociedade pós-moderna é marcada pelo barulho, pela agitação; buzinas, motores, luzes e flashes. Nada justifica ficar em casa. Odeia-se o silêncio. Ficar sozinho, então, impossível. O importante é escapar de entrar em contato consigo mesmo. "É difícil fotografar o silêncio". Porque o silêncio não é tão silencioso. Ele grita. Ele é imperativo. Ele é o porão onde se encontram os recalques ou o vulcão de onde são impelidas as pulsões. Entretanto, a busca exagerada dos atributos acústico-visuais não esconde o mais profundo do ser, ao contrário, possivelmente represente os gritos do silêncio fracamente adormecido. Por isso, em meio à turbulência da pós-modernidade, o pensamento freudiano faz-se presente e atualizado. O

homem não encontrou a felicidade, equilíbrio, harmonia com as contribuições da indústria, da tecnologia. O mundo melhorou, sem dúvida, mas o homem continua a ser um ser desconhecido, porque se esse conhecimento é dado pela ciência, não é percebido pelo próprio sujeito. Falta a "dangerosíssima" viagem em torno de si mesmo para, assim, aprender a conviver consigo e com os outros.

É com esse intuito de buscar o saber, o saber de si, que tomei a liberdade de escolher um texto literário para servir de ilustração a alguns aspectos básicos da psicanálise.

"O inconsciente é estruturado como uma linguagem e constituído pelo deslizamento dos significantes". E o que é a literatura, senão um deslizamento de significantes? O inconsciente se manifesta com distorções e a literatura, também não é uma manifestação ambígua do discurso? Um texto não é onde um escritor se manifesta consciente e inconscientemente?

Ora, se a fala é o método da psicanálise, procuro a expressão artística que se utiliza do mesmo método, ainda que com destinos diferentes para ilustrar o trabalho. Nesse sentido, Miss Brasil, conto do Prof. Dr. Antonio Carlos Viana, é especial porque a linguagem desliza até um velho desejo feminino: ser "Miss Brasil", Top Model, entre outros. Uma identificação ocorre com a personagem Lila na busca

PROJETO EDUCANDO - PSICANÁLISE E ENSINO
Av. Antônio Prado, 675 - Ed. Luiz Cunha
Sala 607 - B. 13 de Julho - CEP 49020-240
Aracaju - SE
0800-10001-09

insistente de realizar um desejo? Lila é uma personagem hilariante, divertida, ainda que se tenha revelado angustiada. Por isso ela cativa o leitor.

O Complexo de Édipo é um conjunto de investimentos inconscientes amorosos ou hostis que a criança faz a seus pais. No caso da menina esse processo se faz diferente no menino. O processo na menina é mais complicado. A menina vê-se igual à mãe: castrada. Sente-se na privação, na falta. A menina quer deixar de ser faltosa, quer ter amor. Acontece que o objeto de amor é alterado: meninos e meninas têm a mãe como seu primeiro objeto de amor. Porém, aqueles continuam tendo a mãe como seu objeto de amor, ao passo que estas, não. Ao contrário, a menina volta-se contra a mãe porque, inconscientemente, ela a culpa pela privação. Então, ela dissolve o laço afetivo que até então tinha com a mãe e passa seu investimento amoroso para o pai.

“O complexo de Édipo, para as meninas, constitui o resultado final de um desenvolvimento muito demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração”. A partir daí abrem-se três linhas para a mulher adulta: a negação da sexualidade, a homossexualidade e a via feminina da maternidade (ter o filho para substituir o falo). E por qual caminho parece ter a Lila se enveredado? Acho que ela é um ser em busca, desejo, em que a falta é uma constante. Em todo o texto, ela quis ter, mas não teve. E o que ela quis? O título de “miss”. Seria, então, esse título o próprio falo? O filho, tantas vezes abortado, fora substituído pela condecoração de miss?

Em 1925, Freud disse que a menina aceita a castração como um fato consumado, mas essa renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza ao longo do tempo, inconscientemente, do pênis para um bebê numa equivalência simbólica: falo = filho. A única certeza que temos é

que ela é um ser em falta. Essa angústia parece-me que lhe dói tanto, inconscientemente, que ela precisa encontrar uma catarse. Ela precisa falar e fala: diz mil histórias, precisa exhibir-se. Lila é saliente. Ela vive a fantasia imaginária de desfilar, de ser desejada. Há uma demanda de amor em jogo. Logo, Lila não cala suas inquietudes. Ela não compreende seu silêncio/inconsciente. E quem ousaria compreendê-lo? Ela é uma personagem construída na ambigüidade: ora agride verbalmente o pai, chamando-o de porco, desejando-lhe o inferno, ora ainda o satisfaz, levando-lhe mingau, cuecas. Quer afastar-se do pai, mas parece vê-lo nos outros homens “Lila, minha filha..., se fazendo de pai para levar ela até o banheiro”.

Enfim, não nos parece Lila uma mulher-enigma? Não está certo, mais uma vez, Freud quando disse (sobre a mulher) “consultem as suas próprias experiências ou recorram aos poetas ou esperem que a ciência lhes possa oferecer mais informações mais profundas e coerentes”? Logo, o universo feminino continua a instigar e a confundir. A questão freudiana permanece: O que é uma mulher? Quem vai defini-la? Os poetas? “... é uma casa secreta. Em seus cantos, guarda vozes e esconde fantasmas. Na noite de inverno, jorra fumaça. Quem entra nela, dizem, não sai nunca mais. (“Janela sobre uma mulher”, Eduardo Galeano). “Aí está ele, o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos”. (Ritual, Clarice Lispector)

Portanto, espero que a Lila tenha distraído vocês e que a guardem como elemento instigante. Que essa viagem mostre que a linguagem, o silêncio/inconsciente é tão excitante e aventureiro quanto os artifícios da vitrine/cidade. Que a sombra, a penumbra do ser mulher é tão ou mais excitante que as luzes do mundo exterior.

Vitória sobre si

lone Pais Silva

Quem dera o tempo fosse preciso!
Preciso tanto desse momento!

Envolvimento
em lutas e buscas.
Passeio pelo divã.
Sofrimento
pela medida certa
do prazer e realidade.

Insanidade
pelo desencontro.
Serenidade
pela carta aberta.

De andança
a possibilidade:
bailarina no palco
andorinha no fio
beija-flor no espaço
borboleta na flor
artista na tela
poesia nas palavras
e vida escolhida
à traça e laço.

Passe-me a corda!
Estou preparando meus pés!
Quer vir comigo?

Ponto de Vista

O QUE É ISTO, A PSICANÁLISE? - Marcia Polido

Muitos de nós, que trabalhamos com a clínica psicanalítica, já ouvimos algum paciente comentar, atarantado, sobre uma certa falta de entendimento do que ocorre em uma sessão de análise, demonstrando, porém, certeza de que isso, que não sabe nomear, tem efeitos em seu modo de ser. Os pacientes, então, sabem dizer o que é a psicanálise a partir de seus efeitos e é deles que vão falar quando querem dizer de sua eficácia.

Que efeitos são esses? Em princípio, os que procuram um tratamento psicanalítico só o fazem porque há um sofrimento além do suportável que lhes escapa aos mecanismos da razão, empurrando-os para um estado de desamparo. Os efeitos, aquilo que o paciente percebe como resultado, são de ordem terapêutica, ou seja, dizem respeito a uma diminuição do sofrimento, a um apaziguamento que poderíamos chamar de uma reconciliação entre o que provoca o sofrimento e o que o sujeito quer para si.

Uma idéia recorrente é a de que uma pessoa submetida à análise deve encontrar mais facilmente o caminho da felicidade eterna e, nesta idéia, reside uma outra, a da imunidade às intempéries da vida. Isso significa dizer que, no fim de uma análise, teríamos a produção de um novo ser humano, forte e invencível, uma espécie de super-herói. Talvez os contos de fadas alimentem nossos sonhos mais do que queremos admitir, porque acreditar ser possível a felicidade ou a vida sem sofrimento é admitir uma vida onde não haja perdas ou, se acontecem, tão logo são minimizadas ou recompensadas de forma tal que é como se nunca tivessem

existido. Sabemos ser muito mais fácil conceber as perdas ou sofrimentos como passíveis de serem recompensados no futuro do que concebê-los como inexoráveis à vida humana.

A psicanálise, com certeza, promove uma reconfiguração no sujeito, tornando-o mais feliz não porque lhe dá garantias de uma vida sem infelicidade, mas, ao contrário, é justamente por permitir ao sujeito falar acerca de seus sofrimentos, de suas perdas, de vivê-las e não dissimulá-las que ele pode ser mais feliz. Pode parecer paradoxal; contudo, muito do sofrimento humano advém da crença de que há um estado de felicidade imutável, em que nada perturbará seus sonhos e sono, tal como o "foram felizes para sempre" de muitos contos infantis, ainda que, para tanto, seja necessário conceber uma vida além-morte.

Se a psicanálise destroça as ilusões humanas de felicidade, abre, em contrapartida, a possibilidade de o sujeito retomar o comando de sua vida de uma forma mais real e menos enredada, pois poderá ficar livre de suas fantasias e de suas amarras em ideais inatingíveis. Isso significa que o sujeito vai poder acertar e errar, ser feliz e infeliz, rir e chorar, perder e ganhar, enfim, viver todas as ambivalências que puder inventar e não mais se prender apenas à angústia da derrota frente à sua meta ilusória.

Entretanto, a psicanálise não pode suturar no humano aquilo que lhe é próprio. Ao humano não é dada a capacidade de dar a última resposta sobre questões que, talvez, acompanham-no desde o aparecimento da humanidade ou pelo menos da filosofia. Essas questões

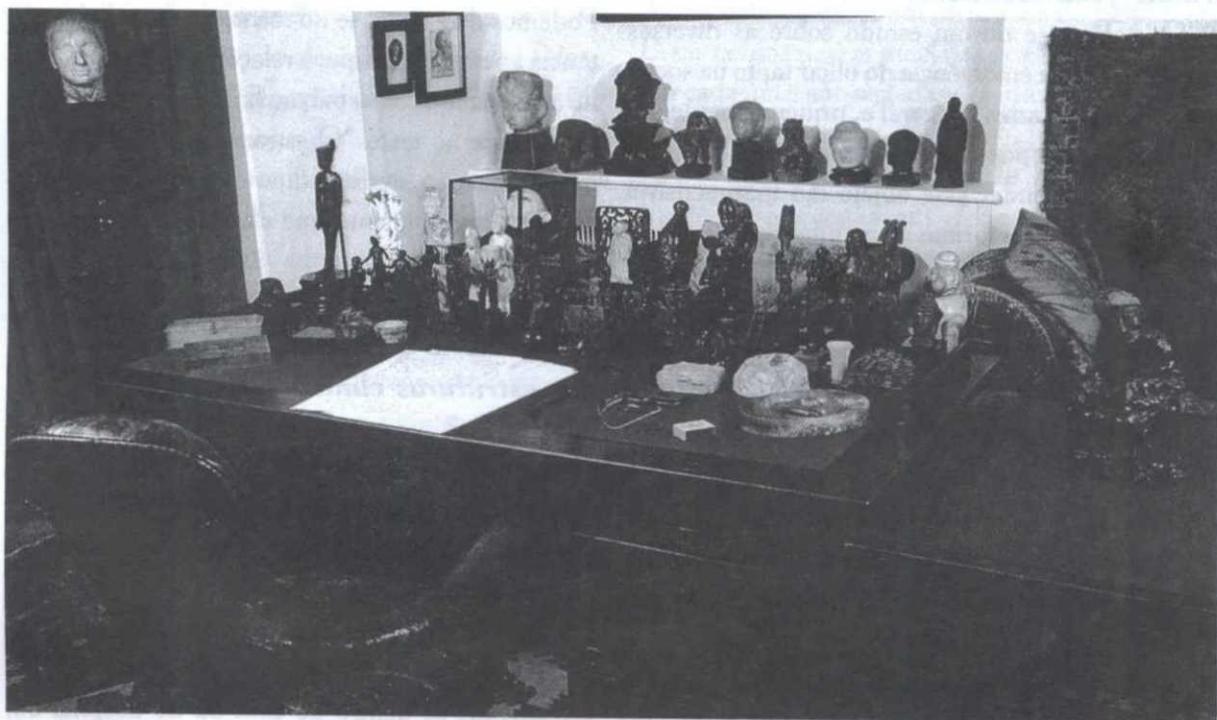
não dizem respeito à quantidade de felicidade/infelicidade que possamos experimentar, mas à origem da vida, ao aparecimento do homem na terra, o que significa isso que chamamos vida, por que a morte, se vale à pena viver, para onde caminhamos e outras decorrentes e semelhantes. São perguntas que tentamos responder a partir do momento em que nos vemos como uma pessoa e isso acontece na infância, quando mal temos palavras para formular nossos pensamentos; entretanto, nem assim, furta-mos-nos a perguntar: de onde viemos, quem somos e para onde vamos.

Muitos procuram na ciência ou na religião respostas para essas questões, e isso não deixa de ser um caminho ou uma alternativa. A resposta psicanalítica é mais cruenta, pois não cria ilusões ao humano: viver é tentar responder a essas questões e cada qual fará de sua vida uma resposta ou aceitará que outros a façam. A grande arte da psicanálise é deixar que cada sujeito descubra, de acordo com seus desejos, o modo como construirá suas respostas a partir do seu sofrimento. Isso quer dizer que o sofrimento, necessário para dar início a um tratamento psicanalítico, será convertido, aos pou-

cos, na força motriz de uma invenção singular, capaz de procurar respostas àquelas questões fundamentais da existência humana.

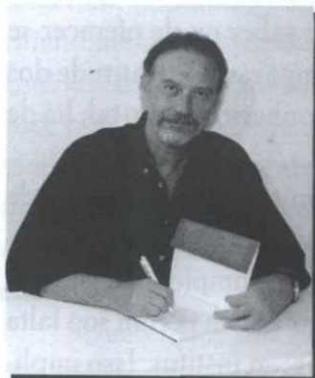
Ainda, a insurgência da idéia de que a psicanálise resolve todos os males do mundo pode proceder não de pacientes ou de leigos, mas de psicanalistas, ou seja, daqueles que exercem a psicanálise em seus consultórios. À psicanálise não devemos imputar a sina da resolubilidade absoluta dos problemas do humano e do mundo, sob pena de tornar-se ultrapassada enquanto um campo de saber ou de oferecer-se como mais um ideal comparável à beatitude dos santos que, para ser reconhecida como tal, há de ser provada e atestada.

Em momento algum, podemos perder de vista que a teoria psicanalítica tem como pressuposto a impossibilidade da completude, isto é, o humano sempre vai estar às voltas com sua falta que, em última instância, o institui. Isso implica que, também, a teoria pode ser visitada quantas vezes forem necessárias para o seu avanço. Se não tivermos claro tal pressuposto, fatalmente cairemos na tentação de transformar-nos em trapicheiros de ilusões, emparedando, por fim, a psicanálise em um sistema teórico-dogmático.



Museu de Freud, Londres.

Recortes de uma conversa com Antonio Quinet sobre o lançamento do seu livro, por Katarina Aragão e Thaís Nascimento.



ANTONIO QUINET é psiquiatra, analista membro da EPCL - Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, Doutor em Filosofia.

P. F. - O que o senhor propõe com “Um olhar a mais”, seu novo livro?

A.Q. - Trata-se de um estudo sobre as diversas modalidades de emergência do olhar tanto na sociedade como nas artes em geral e, principalmente, na clínica psicanalítica. Na verdade, o meu interesse foi tentar apreender esse objeto tão inapreensível que é o olhar e suas formas de manifestação.

P. F. - O que quer dizer “clínica escópica”?

A.Q. - A Clínica Escópica é uma parte do meu livro onde abordo as manifestações clínicas da pulsão escópica na neurose, na perversão e na psicose. Na neurose, principalmente na histeria e na neurose obsessiva, o olhar não é desvelado como na psicose, porém se manifesta com a mesma importância. Ele está presente no espetáculo da histérica em seu “teatralismo” para captar o olho do mestre como foi descrito pela psiquiatria, inicialmente com Charcot. Podemos também apreendê-lo no “dar a ver” do

neurótico obsessivo que se coloca sempre numa jaula, diante de um Outro domador, para o qual tem que dar provas de sua eficiência performática.

P. F. - O complexo de castração, de acordo com a descrição de Freud, efetua-se em duas etapas: a primeira auditiva e a segunda visual. Como o senhor poderia explicar de modo simples?

A.Q. - Isso eu desenvolvo no capítulo V, cujo título é “castração óptica”, na parte do livro que se chama Efeito Medusa. Na verdade, a castração se dá inicialmente a partir da visão do sexo da mulher. Mas ela só adquire sentido, como diz Freud, quando o sujeito escuta as ameaças de castração quando da masturbação infantil. A importância dessa percepção é tão grande que Freud a considera definitiva. Podemos dizer que, se no início ele dá toda importância ao mito de Édipo, à relação de desejo do sujeito com a mãe e com o pai, no final de sua obra, principalmente no texto “O estranho”, Freud dá mais importância ao ato de Édipo de furar os olhos, ao ato de autocegamento que ele faz corresponder à castração.

P. F. - Como diferenciar a clínica escópica nas estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão?

A.Q. - O olhar tão inapreensível na neurose, é visível na psicose. Se na neurose o sujeito pode se apagar diante do objeto com seus sintomas, fantasias e máscaras, não é o caso da psicose. Por não conseguir se esconder desse olhar que surge no campo da realidade, o psicótico procura literalmente abrigos escondendo-se dentro de casa ou do hospital ou,

então, ataca esse outro para apagar seu olhar e vaziar seu olho. A grande diferença entre neurose e psicose, no âmbito escópico, é que o sujeito neurótico pode desaparecer diante do objeto, se camuflar e sintomatizar, enquanto o psicótico usa como recurso o delírio para enquadrar esse olhar. Na perversão o sujeito se identifica com esse olhar, ou seja, ele procura ser o olhar que falta ao Outro como forma de desmentir a castração.

P. F. - Qual a particularidade na direção do tratamento do psicótico?

A.Q. - O grande problema da particularidade do tratamento do psicótico é a transferência. Por um lado, é necessária a transferência para que o paciente possa se manter na análise, mas, por outro lado, há uma tendência do psicótico em transformar o analista no grande Outro da erotomania, do delírio de perseguição ou da traição e isso dificulta enormemente o tratamento. A particularidade se dá, portanto, na manobra da transferência: ao mesmo tempo em que o analista deve aceitar esse endereçamento, ele não pode ocupar o lugar do Outro para o paciente, pois é um lugar de gozo que inviabilizaria o tratamento.

P. F. - Qual a importância dos fenômenos elementares na psicose?

A.Q. - Os fenômenos elementares são considerados aqueles fenômenos mínimos a partir dos quais se pode diagnosticar com precisão a psicose. Dentre eles encontramos, principalmente, os distúrbios de automatismo mental, descritos por Clérambault, em que o pensamento adquire uma certa independência em relação ao sujeito. O sujeito sente, assim, palavras que lhe são impostas e que podem chegar até mesmo a alucinações. São fenômenos elementares da ordem da linguagem: o significante no real. Podemos considerar também que existe o fenômeno elementar de observação, onde o sujeito se sente vigiado, espiado e observado. Trata-se aí da emergência do olhar no campo da realidade como critério diagnóstico de psicose. É o que desenvolvo no capítulo "Delírio de observação".

P. F. - O que o Sr. acha da depressão estar tão "na moda" atualmente?

A. Q. - A moda atual, seja qual for, é um efeito do capital. Por um lado, há uma generalização da depressão que coloca em questionamento o próprio sistema prevalente em que hoje vivemos, o capitalismo. É o sistema que faz o sujeito acreditar que os objetos de consumo são objetos de desejo e que, com sua posse, ele vai atingir sua satisfação. Na verdade, isso é uma grande farsa, pois nenhum objeto serve para satisfazer o sujeito, muito menos esses objetos de consumo. Ao se deparar com essa espécie de insatisfação e até de tédio, o resultado é o que se chama hoje "depressão", que é a expressão da recusa do imperativo do consumo. E, por outro lado, acho que há um grande exagero porque, hoje em dia, chama-se depressão qualquer coisa, provocando a perda da especificidade clínica da depressão. Aí todos são diagnosticados deprimidos para serem, em seguida, medicados. Há um interesse dos laboratórios e da indústria farmacêutica em medicar tudo, inclusive o mal-humor, e, em breve, até todos os estados de ânimos do sujeito. Assim como existe o mal-estar e a insatisfação inerentes ao ser humano devido à falta estrutural, os estados depressivos também fazem parte da vida cotidiana de todo mundo, pois não há quem não tenha perdido um ente querido, um ideal ou uma perspectiva. Essas perdas devem ser elaboradas simbolicamente por cada um e não negadas e medicadas.

P.F. - Por que a sociedade atual valoriza tanto as imagens em detrimento das relações subjetivas? Isso gera quais consequências?

A.Q. - Vivemos numa sociedade onde há uma plethora de imagens. Dentro do sistema capitalista, com seus ideais consumistas, há uma tendência a fazer consistir um imaginário robusto e fazer de nossas vidas um reality show onde o merchandising seria a regra. Trata-se de mais uma forma de controle, de lavagem cerebral, o que faz com que não se questione mais nada. O poder da imagem faz parecer banal que o espectador sinta-se um vencedor quan-

do seu time ganha. Eis o poder da identificação característico do registro imaginário. Vivemos, hoje, numa sociedade onde tudo é marketing e a identificação às imagens serve para isso: serve para vender um produto, um belo e saudável corpo, uma boa imagem, uma boa ideologia, etc... A imagem tem um poder hipnótico de cativar e captar o indivíduo que fica assim preso no narcisismo do mundo especular. A imagem faz crer que não existe a falta, pois não existe imagem do que não existe. A ima-

gem por si só é completa e, sendo prevalente, desvaloriza a subjetividade que é marcada pela divisão, pela insatisfação e pelo questionamento. O mundo das imagens fornece respostas prontas, prêta a porter, para o sujeito usar e vestir de acordo com os padrões da ideologia dominante. A psicanálise, fazendo uso da palavra e valorizando o registro simbólico do Inconsciente, desperta o sujeito para o real quebrando o espelho da captura hipnótica e o cativeiro mortífero da imagem.

Conferência e Seminário de Antônio Quinet em Aracaju

— Dias 21 e 22 de março de 2003 —

Público Alvo: Estudantes e Profissionais de Psicologia, Medicina, Filosofia, Educação e áreas afins.

Realização: Fórum do Campo Lacaniano
de Aracaju e Projeto Freudiano

Informações: Projeto Freudiano
Tel. (79) 246-1905

Informes Sobre o Curso de Fundamentos Básicos de Psicanálise

Objetivo: Transmissão dos conceitos fundamentais da psicanálise, sistematizados e abordados pelo viés da clínica freudiana, através de seminários e atividades complementares. Este curso, o estágio supervisionado e a análise pessoal constituem a porta de entrada aos que desejam fazer a formação em psicanálise.

Duração: dois anos, com a carga horária de 200 horas distribuídas em 4 unidades, estágio supervisionado, disciplinas correlatas e monografia no final do curso.

Público Alvo: médicos, psicólogos, estudantes e profissionais de áreas afins.

Conteúdo Programático

UNIDADE I A DESCOBERTA FREUDIANA

A descoberta freudiana do inconsciente subverte a noção de sujeito na medida em que aponta sua divisão, ou seja, o sujeito está dividido num conflito entre os conteúdos consciente e inconsciente. Trabalharemos o conceito de Freud sobre as formações do inconsciente: sonhos, atos falhos, chistes, sintomas e as leis que o determinam.

Prosseguiremos, com a descoberta freudiana da sexualidade infantil, das pulsões e do mito estruturante do Édipo, fundamentos dos processos psíquicos da subjetividade humana.

UNIDADE II A TÉCNICA DA PSICANÁLISE

O objetivo dessa Unidade é estudar a técnica que conduz à estratégia e à política da psicanálise. Perpassando pelos artigos sobre a técnica em Freud, visamos abordar o conceito de transferência, pois é o que permite a interpretação, cuja possibilidade se abre ante o imperativo ético: a análise do analista.

UNIDADE III O CONCEITO DE PULSÃO EM FREUD

O termo pulsão (Trieb) foi empregado pela primeira vez por Freud em 1905, em "Três ensaios sobre a sexualidade", tornando-se um conceito importante da doutrina psicanalítica. Definido como a carga energé-

tica que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem, configura-se como um conceito-limite entre psiquismo e o somático.

UNIDADE IV CONCEITOS CRUCIAIS DA PSICANÁLISE Introdução a Lacan

O essencial nessa unidade é o retorno a Freud por Lacan e a articulação dos conceitos apreendidos com vinhetas clínicas, para demonstrar os benefícios terapêuticos de uma análise. A experiência psicanalítica tem uma lógica que Freud formula numa trajetória com etapas, impasses e final e que Lacan aborda na singularidade de cada caso clínico.

REUNIÃO CLÍNICA

A experiência da Reunião Clínica cria condições para que os efeitos da prática psicanalítica possam ser articulados com a fundamentação teórica e o diagnóstico estrutural, para uma possível transmissão.

APRESENTAÇÃO DE PACIENTES

Pretendemos continuar pesquisando na interface da psicanálise e psiquiatria, as questões cruciais no diagnóstico diferencial e o tratamento possível da psicose. Nossos estudos têm conduzido discussões em torno do uso abusivo de medicamentos, num contexto onde se abole a subjetividade da doença men-

tal, segregando o sujeito e privilegiando o discurso capitalista.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Realizado em Instituição Pública e com supervisão de docente do Projeto.

INTERDISCIPLINARIDADE

Trata-se de uma atividade que tem por finalidade aprofundar o campo de atuação da

psicanálise, bem como sua interseção com outros campos do saber, tais como a literatura, sociologia, filosofia, direito, história.

SARAU DA BIBLIOTECA

A psicanálise com Freud e Lacan sempre esteve articulada com as demais diversas formas da arte. Essa atividade se destina a psicanalistas, estudantes, artistas e demais interessados na articulação da psicanálise com a arte em todas as suas formas.



Berggasse, 19 - Viena

Informações e inscrições:

 **Projeto**
Freudiano

Av. Anízio Azevedo, 675 - Edf. Luiz Cunha, 507
Tel. (79) 246-1905 - Aracaju - Sergipe - Brasil
e-mail: projetopsicanalise@ig.com.br